

HOMEM-BICHO, HOMEM-COISA: AS DESIGUALDADES SOCIOAMBIENTAIS SOB A LUZ DA LITERATURA

Rosane Tavares Almeida *

Resumo

Este artigo busca mostrar que, apesar de recentes as discussões sobre os problemas ambientais, a literatura sempre propôs um diálogo entre homem e natureza, a fim de promover uma reflexão sobre essa interação e com isso ressaltar a condição em que ambos se encontram. Ao lançar um olhar sobre alguns exemplos da nossa literatura é possível evidenciar a relação possível entre saberes diversos, fazendo emergir sentidos que proporcionem uma compreensão global sobre a realidade. Busca também reconhecer alguns pontos de tangência entre o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, os poemas *O bicho* de Manuel Bandeira e *Eu, Etiqueta* de Carlos Drummond de Andrade, para que neles se observe a condição humana dentro do sistema capitalista onde as desigualdades ambientais são sobrepostas às desigualdades sociais.

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Palavras-chave: problemas ambientais, literatura, homem, natureza, desigualdade social.

Introdução

É a partir do Renascimento, com seu antropocentrismo, que o homem se torna Todo-Poderoso e passa a se lançar no projeto de dominação da natureza. Para dominar, manipular, submeter, chega-se mesmo a falar em torturar, como fez Francis Bacon. Expulso o sagrado da natureza, esta passa a ser vista como objeto, como recurso. O homem descola-se da natureza e, de fora, passa a dominá-la (...) (PORTO-GONÇALVES, 2002).

No Capitalismo o homem não vê mais nenhum limite na especulação dos bens naturais, nele questiona-se a existência de uma real reflexão na relação do homem com a natureza visto que o que se tem é a desenfreada exploração desta para o fortalecimento do sistema vigente. De

acordo com Bonfim *et al* (2011, p. 6), “no capitalismo, o Estado tem tarefas anteriores à preservação da natureza: a manutenção da sociedade de classes e controle do trabalho, a busca incessante por lucro e expansão”.

Sob a égide desse sistema econômico, o processo de desumanização; o desenvolvimento do ser social é desigual, pois nem todos têm acesso a se desenvolver de forma plena. No capitalismo travam-se barreiras cada vez maiores de desigualdade social. A alienação propõe a exploração do homem pelo homem e da natureza ilimitadamente. Desta maneira, como pensar a questão ambiental sem repensar o homem? Como propor um mundo para todos se a desigualdade é condição *sine qua non* do atual modelo





econômico e a permanência das classes dominantes no poder?

Não temos como objetivo responder a tais perguntas, mas mostrar que não é tarefa apenas da ciência investigá-las. A literatura há muito vem se preocupando com as questões ambientais e principalmente com as sociais. O romance “Vidas Secas” e os poemas “O bicho” e “Eu, etiqueta” nos fazem perceber a ênfase na condição humana e nas relações homem-natureza e homem-homem no estabelecimento da sociedade contemporânea.

Apesar de percebidas e comprovadas as desigualdades entre os homens, a literatura é, de acordo com Antonio Candido, “direito de todos” (CANDIDO, 1989, p.110). Segundo o autor, ela tem como função máxima a humanização e esse processo se dá através de três importantes funções: a função psicológica, a formativa e a de conhecimento do ser. Pode-se dizer que:

(...) a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar (CANDIDO, 1989, p.113).

A humanização não acontece somente porque a literatura satisfaz a necessidade universal de fantasia do indivíduo, mas também porque a experiência estética vivida pelo leitor, no momento da recepção de um bom texto literário, faz com que ele reavalie seus valores, o mundo e seu modo de estar nele. A literatura é capaz de mediar os sentidos, propondo a reflexão sobre as contradições e ambivalências de

determinada realidade representada por ela, mesmo que esta situação não faça parte do cotidiano daquele que lê, pois “Através do estranhamento, do jogo lúdico, da presença do poético, a literatura humaniza porque faz viver” (CANDIDO, 1972, p.806).

A escolha da literatura é, portanto, a tentativa de resgatar no homem sua humanidade, facilitar seu encontro com a natureza e, acima de tudo, levá-lo a refletir sobre sua condição e sobre o mundo que quer para si e para o outro hoje e futuramente. Os textos escolhidos para este trabalho, além de nos levarem a refletir sobre os problemas ambientais: a questão das secas, das enchentes, do lixo e do consumo; possibilitam também um diálogo entre desigualdade social e educação ambiental.

A relação homem-natureza e a temática ambientalista

As questões ambientais tornaram-se preocupação crescente pela sociedade mundial na década de 70 após a Convenção das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente que aconteceu em Estocolmo em 1972. Tais preocupações surgem a partir do aumento da degradação ao meio ambiente através da incansável relação de exploração do homem à natureza sob a lógica dos meios de produção capitalista.

A partir de então, são muitos os estudos e estudiosos abordando a temática ambientalista. O ambientalismo vira moda, crescem as Organizações não governamentais (ONGs), partidos políticos, correntes teóricas, disciplinas escolares e universitárias, sem falar no aumento considerável das produções bibliográficas e cinematográficas. De acordo com o geógrafo e professor Jurandyr Ross,

a moda do ambientalismo é uma conscientização das sociedades sobre a necessidade de preservar, conservar, recuperar e explorar a natureza com modernismo tecnológico e com adoção de políticas



estratégicas que não vejam somente o hoje, mas que projetem e protejam o futuro (ROSS, 1995, p. 65).

Na concepção acima, a relação homem-natureza é de subserviência desta àquele. Cabe ao homem adaptar condições modernas e menos devastadoras para que a natureza não se esgote e esteja sempre a seu dispor.

Para outros estudiosos e correntes ambientalistas, o homem faz parte da natureza e tentará reverter os problemas por ele causados que ameaçam a vida neste planeta.

Só a educação ambiental não resolverá os problemas complexos globais, mas ela pode influir decisivamente quando forma cidadãos conscientes de seus deveres e direitos. Com essa conscientização planetária e agindo na comunidade haverá uma mudança no sistema, se não imediata, mas com efeitos concretos. Os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs do mundo (REIGOTTA, 1994, p.50).

Mas a questão é que sendo parte da natureza ou fora dela, os problemas ambientais existem e estão diretamente ligados ao homem e ao modo de vida assumido para a manutenção do sistema que realça cada dia mais as desigualdades sociais.

O múltiplo olhar da literatura

Ao longo da história da humanidade a literatura tem, muitas vezes, se mostrado mais do que as outras formas de conhecimento, capaz de representar o quase irrepresentável ou o indizível. Ela tem o poder de traduzir aquilo que outras linguagens não são capazes de expressar. Atua quase como vidente, visto que na temática ficcional é presente a antecipação de degradações, desastres, guerras, dominações, hecatombes, mudanças climáticas relevantes que

poderiam, caso fosse ouvida (ou lida), serem reavaliadas e, quiçá, evitadas. Importa obviamente salientar a “propriedade positiva que possui a literatura em prever riquezas, novas formas de alimentos, sustentabilidade, saúde, a serem potencializadas em benefício do homem, do meio ambiente, da vida” (SCARPELLI, 2007). Enfim,

a arte literária permite a interpretação dos aspectos políticos, históricos e culturais de uma sociedade. Sua apropriação, indagação e decodificação, pelo contexto ambiental, vêm constituir mais um parâmetro para uma análise e possível diagnóstico e prognóstico tanto para as ações intervencionistas quanto para as protecionistas dos meios naturais (CHAVES, 2008).

Para José S. Quintas (2009), a crise ambiental é a evidência de uma crise maior e mais profunda. Segundo o autor, é a sociedade que estaria em crise. Os danos e riscos ambientais decorreriam de uma determinada ordem social que se constituiu historicamente e se mantém por meio de relações de dominação, seja da natureza por seres humanos, seja de humanos por outros humanos. Sob essa lógica, os problemas ambientais são mais complexos do que se pode imaginar, pois levam em si uma carga histórico-social que se mantém imutável por muito tempo.

A literatura, através de seu olhar múltiplo, é capaz de conferir a complexidade de focos necessários para se ler a diversidade e a mutabilidade do mundo. Diferente da ciência, sua visão ampla revela o vivido, o imaginado, o observado, o projetado em determinado momento histórico; o comportamento individual e coletivo de uma sociedade com o seu espaço territorial; os detalhes paisagísticos ora como cenários, ora como protagonistas da “Natureza-espetáculo” e da “Natureza histórica” vislumbradas por Milton Santos (CHAVES, 2008).





A desigualdade social e o surgimento do homem-bicho na perspectiva de Graciliano Ramos e Manuel Bandeira

Sendo os problemas ambientais originários de uma ordem social constituída há décadas e mantida até nossos dias, “a desigualdade socioeconômica estaria na origem da desigualdade ambiental” (LAYRARGUES, 2009, p.19), o que, de acordo com o mesmo autor, faz emergir o termo *desigualdade ambiental* definido como a diferenciação de grupos sociais ao desfrute de recursos naturais e a exposição maior de alguns grupos a riscos ambientais. Conforme nos aponta Alves (2006), “a desigualdade social está relacionada com outras formas de desigualdade. Os indivíduos são desiguais ambientalmente porque são desiguais de outras maneiras” podendo ser economicamente ou não. Tais reflexões nos levam a concordar com Bonfim e Piccolo (2009, p.8) que a “Questão Ambiental é no fundo uma Questão sócio-político-econômico-ambiental.”

Ao abordar questões relativas ao meio ambiente e espaço, a literatura faz a integração ou o desajuste entre homem e natureza, onde o que decidirá essa relação, na maioria das vezes, será o aspecto sócio-econômico de cada protagonista.

O romance *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos é exemplo marcante dessa relação. Fabiano juntamente de sua mulher, dois filhos e uma cadela vagam sem rumo pelo sertão do nordeste em busca de uma “terra prometida”, a qual jamais será encontrada. Em meio à seca, à miséria e à fome, a família vive em condições subumanas: matam o próprio papagaio para não morrerem de fome, quase não falavam, nem sequer sabiam expressar suas idéias ou sentimentos. Entre eles não havia carinho ou interação, apenas a cumplicidade da luta pela sobrevivência.

Apesar de ignorante, pois não sabia ler, Fabiano reconhecia sua condição de explorado e enganado pelos “homens

ricos”, como podemos observar nos trechos abaixo.

Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria (RAMOS, 1996, p.93).

Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias (RAMOS, 1996, p. 96).

A vida, ou melhor, a subvida dos personagens de *Vidas Secas* é marcada pelas memórias de suas tragédias. Sua subcondição humana é reconhecida por eles mesmos, que em determinados momentos não sabem mais se são bichos ou gente.

- Fabiano, você é um homem, exclamou em alta voz.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

- Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades (RAMOS, 1996, p. 18).

Segundo Scarpelli (2007), há uma espécie de adaptação genética dos viventes de *Vidas secas* ao meio ambiente. Ambos, em visível processo de interface, se integram em suas características tanto internas quanto externas.

Não estranha, assim, o fato de Fabiano se identificar com as plantas enraizadas, com bichos, enfim, com uma matéria-prima árida e seres brutos que se mesclam à terra avermelhada como ele e de Sinhá Vitória perceber a chegada da seca observando os pássaros, as folhas e sentindo o vento (SCARPELLI, 2007).

As desigualdades sociais são percebidas e refletidas por Fabiano que



“comparando-se aos tipos da cidade, reconhecia-se inferior”. De acordo com Mauro Guimarães (2007):

os pobres dos países em desenvolvimento tendem a viver em terras marginais, eles se encontram mais vulneráveis aos efeitos da degradação ambiental. São áreas pouco férteis para agricultura, ou são áreas suscetíveis a inundações, desmoronamentos, secas, erosões e outras formas de degradação ambiental que comprometem diretamente o trabalho ou sua sobrevivência (GUIMARÃES, 2007, p. 30).

No poema *O bicho* (1948), Manuel Bandeira, assim como Guimarães Rosa, coloca a vulnerabilidade humana diante de condições precárias de sobrevivência. O lixo, atestado como um dos maiores problemas ambientais, torna-se alternativa de vida para as populações pobres. O homem (o ser humano enfocado no poema, assim como milhões de outros como ele no mundo), em face dos descasos dos governos, dos órgãos competentes, da própria sociedade e, muito provavelmente, por ser esquecido por sua família, também se encontra abandonado à própria sorte, sem ter com que e com quem contar.

A denúncia social não era um tema fictício ou inatual em meados do século XX, nem o seria agora, é mais atual do que nunca. Nela, o ser encontra-se marginalizado, animalizado pela degradação que o atinge física, psicológica e socialmente, assumindo atitudes de bicho.

Vi ontem um bicho
Na imundice do pátio
Catando comida entre os
detritos.
Quando achava alguma coisa;
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem. (BANDEIRA, 2010)

Bandeira é testemunha de seu tempo e das mazelas sociais de então. Com aparente singeleza constrói um poema que emociona e desperta para a reflexão, para perguntas imperiosas e que requereriam respostas mais que imediatas: Por que se abandonou o homem? Quem ganhou e ainda ganha com isso? Por que não revolucionamos essa sociedade falha? Podemos a curto, médio ou longo prazo solucionar as questões sociais?

É quase certo afirmar que Guimarães Rosa e Manuel Bandeira ao escreverem não tinham intenções em promover uma educação chamada de ambiental ou em apontar os descasos e desrespeitos ao meio ambiente, aqui referido ao ecossistema e todas as suas formas de vida, mas em denunciar a desigualdade social e atestar que todas as outras desigualdades se sobrepõem a esta. A leitura desses dois textos, gêneros literários com características próprias e que se diferenciam entre si, nos dá a certeza de que a literatura cumpre seu papel em dizer o que não se pode dizer e enxergar além do que podemos ver. Ela consegue prever, mesmo que de maneira imaginária ou fictícia, o que se pode acontecer com apenas a sensibilidade de observar a vida, a natureza, o homem.

Segundo Barthes (1978), “a ciência é grosseira, e a vida sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa”. Diante de sua citação temos a crença na capacidade da literatura em contornar a realidade, corrigindo-a ou transformando-a, e é seguindo essa crença que Guimarães Rosa propõe uma saída humanizadora para seus personagens. Fugindo da seca e da morte certa eles partem para o sul em busca de condições humanas dignas, utopicamente acreditam na salvação através do trabalho, da educação e da





moradia que lá poderiam encontrar. No entanto, por trás dessa motivação, irrompe a perspectiva amarga e desesperançada do narrador, cuja consciência ambiental e histórica alerta o leitor para o beco sem saída de indivíduos como os de Vidas Secas. Graciliano Ramos sugere justamente que a relação entre o homem e seu meio não se restringe a problemas meramente ambientais. O ecossistema de que faz parte a vida é muito mais amplo e complexo do que supõe nosso vão ambientalismo.

Alienação e consumismo: é a vez do homem-coisa

Se em Vidas Secas o homem torna-se bicho pelas condições precárias de vida que o meio natural lhe impõe, na poesia de Manuel Bandeira o bicho é o homem da cidade, vítima da alienação que o sistema capitalista lhe impõe.

O homem citadino quando não bicho torna-se coisa, perde sua humanidade, mistura-se às coisas que produz (com sua própria força de trabalho) e consome. É o que pode ser observado no poema *Eu, Etiqueta* (1984) de Carlos Drummond de Andrade.

Em minha calça está grudado um nome
Que não é meu de batismo ou de cartório
Um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
Que jamais pus na boca, nessa vida,
Em minha camiseta, a marca de cigarro
Que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produtos
Que nunca experimentei
Mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
De alguma coisa não provada
Por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,

Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara,
Minha toalha de banho e sabonete,
Meu isso, meu aquilo.
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso,
reincidências.
Costume, hábito, premência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
Seja negar minha identidade,
Trocá-lo por mil, açambarcando
Todas as marcas registradas,
Todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
Eu que antes era e me sabia
Tão diverso de outros, tão mim mesmo,
Ser pensante sentinte e solitário
Com outros seres diversos e conscientes
De sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio
Ora vulgar ora bizarro.
Em língua nacional ou em qualquer língua
(Qualquer, principalmente.)
E nisto me comprazo, tiro glória
De minha anulação.
Não sou - vê lá - anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
Para anunciar, para vender
Em bares, festas, praias, pérgulas,
piscinas,
E bem à vista exibo esta etiqueta
Global no corpo que desiste
De ser veste e sandália de uma essência



Tão viva, independente,
Que moda ou suborno algum a
compromete.
Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de
escolher,
Minhas idiossincrasias tão
pessoais,
Tão minhas que no rosto se
espelhavam
E cada gesto, cada olhar,
Cada vinco da roupa
Sou gravado de forma universal,
Saio da estamparia, não de casa,
Da vitrine me tiram, recolocam,
Objeto pulsante, mas objeto
Que se oferece como signo de
outros
Objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão
orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial,
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de
homem.
Meu nome novo é Coisa.
Eu sou a Coisa, coisamente.

Drummond retrata o poder da ideologia de uma classe sobre a outra, porém essa dominação não é explícita para todos, e é nesse momento que nos deparamos com a questão da alienação. Para Chauí, “trabalho alienado é aquele no qual o produtor não pode reconhecer-se no produto de seu trabalho, porque as condições desse trabalho, suas finalidades reais e seu valor não dependem do próprio trabalhador, mas do proprietário das condições do trabalho” (CHAUÍ, 1994, p. 55). Em outras palavras, o indivíduo não enxerga seu verdadeiro papel enquanto ser social e produtor, e ainda não se reconhece no processo de produção de seu próprio trabalho. O poema denuncia a alienação presente na sociedade brasileira, pois o indivíduo que não se reconhece frente aos produtos que usa está alienado, e essa alienação é causada pela ideologia da classe

dominante que detém os meios de produção.

Além de retratar a alienação causada pelo capitalismo o poema detecta a ideologia do consumo na sociedade contemporânea. Segundo Zacarias (2009), “os consumidores modernos passam a identificar-se pela fórmula de Fromm (1976): eu sou = o que consumo”. E é nas perspectivas da alienação e do consumo que o homem em Drummond deixa de ser alguém para ser algo: “Meu nome novo é Coisa. Eu sou a coisa, coisamente”.

Através da poesia drummondiana, percebemos o quanto a literatura identifica as mazelas sociais e as expõe em forma de arte a toda sociedade. Ela no alerta sobre as condições e as relações humanas, nos faz refletir sobre nós mesmos e sobre o outro, nos dando a chance da transformação. Pela literatura o homem pode tornar-se humano novamente, sair de sua condição de bicho ou coisa para ser simplesmente homem, natureza.

Considerações finais

A degradação ambiental, assim como a desigualdade social, não são problemas individuais, mas de toda humanidade que coletivamente deve tratar resolvê-los. Para enfrentar tais desafios sociais deve existir uma mudança de valores e de comportamentos, não se trata apenas de acabar com a desigualdade social, mas alcançar a justiça social pensando em outra forma de organizar a sociedade e articular mais conscientemente a relação trabalho (ação do homem sobre a natureza) e meio ambiente.

De acordo com Bonfim (2011, p.9), “Uma Educação só se faz crítica se for à direção da sociedade”. Acreditamos que através da Educação seja possível pensar e fazer a mudança no homem, na sociedade e no meio ambiente. É na formação do cidadão crítico e nos diálogos promovidos pela interdisciplinaridade, aqui tratada como a integração dos saberes,





que serão possíveis as rupturas com os paradigmas fracassados e obsoletos do capitalismo e o surgimento de um novo homem. Guimarães (2007, p. 59) destaca que:

A abordagem interdisciplinar objetiva superar a fragmentação do conhecimento. Portanto, esse é um importante enfoque a ser perseguido pelos educadores ambientais, já que permite, pela compreensão mais globalizada do ambiente, trabalhar a interação em equilíbrio dos seres humanos com a natureza.

A literatura está a serviço da humanidade para a promoção da cultura, do bem-estar, do entretenimento e da vida, é um instrumento de aprendizagem possibilitando o ensino através das diferentes leituras que propõe, dos diálogos e vivências, ao aproximá-los dos diferentes saberes e culturas. Um poema, um conto, uma prosa ou qualquer gênero literário permite ao indivíduo projetar-se diante das diferentes situações cotidianas, estabelecendo direções e

argumentações, no sentido de dar um melhor desfecho à sua própria história.

Segundo Bonfim (2011, p. 9),

uma EA (educação ambiental) para além do capital é aquela que, tomada as precauções de vigiar seu espaço de origem, denuncia todas as camuflagens, fetiches, do mundo retificado. Toma para si espaços educativos (formais, não-formais e mesmo informais) em que a pedagogia do capital se faz presente para realizar outra verdade.

Acreditando nesse caminho a literatura seria grande aliada da educação ambiental, visto que também há em seu teor a denúncia, e que pode fazer-se presente em qualquer tipo de espaço educativo. A literatura pode apontar estética, ética e respeito às nossas ações. A utilização de obras literárias variadas pode contribuir para a reflexão dos princípios de uma verdadeira educação ambiental, suas possibilidades no confronto dos problemas sociais e na busca da melhoria de vida para o homem e para o planeta.

HUMAN-ANIMAL, HUMAN-STUFF: SOCIOENVIRONMENTAL INEQUALITIES UNDER THE LIGHT OF LITERATURE

ABSTRACT

This article aims to show that, despite recent discussions about environmental problems, the literature has been proposing a dialogue between man and nature in order to promote reflection on this interaction and thereby highlight the condition in which the two meet. When you take a look at some examples of our literature is possible to demonstrate the possible relationship between different knowledge, giving rise to the senses that provide a comprehensive understanding about reality. Search also recognize some points of contact between the novel *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos and the poems *O Bicho*, by Manuel Bandeira and *Eu, Etiqueta*, by Carlos Drummond de Andrade, for them to observe the human condition within the capitalist system where environmental inequalities are overlaid with social inequalities.

Keywords: environmental issues, literature, man, nature, social inequality.

Artigo submetido para publicação em: 13/09/2011

Aceito em: 18/11/2011



REFERÊNCIAS

- ALVES, H. P. F. Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulistana: uma análise sociodemográfica das situações de sobreposição espacial de problemas e riscos sociais e ambientais. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 43-59, jan./jun. 2006.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- BANDEIRA, M. *Belo, belo e outros poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BOMFIM, A. M. Educação Ambiental para além do capital: balanço de estudos e alguns apontamentos à EA sob a perspectiva do Trabalho. *Grupo de Pesquisa em Trabalho-Educação e Educação Ambiental (GPTEEA)*. IFRJ, 2011.
- BOMFIM, A. M. ; PICCOLO, F. D. *Educação Ambiental Crítica: para além do positivismo e aquém da metafísica. VII Enpec. Anais*. Florianópolis: Abrapec, 2009. Disponível em:
<http://www.foco.fae.ufmg.br/viiienpec/index.php/enpec/viiienpec/paper/viewFile/753/648>
Acesso em 11/09/2011.
- CANDIDO, A. *Direitos Humanos e Literatura*. In: Festes, A. C. Ribeiro (org.). São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *A Literatura e a formação do homem*. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, 1972.
- CHAUÍ, Marilena S. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHAVES, Teresinha G. L. B. A relação do homem e natureza. *Revista eletrônica dos alunos de pós-graduação em Estudos comparados de literaturas e Língua Portuguesa da USP*. São Paulo, ano 1, n. 1, 2008. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/edicao01> Acesso em 20/04/2011.
- GUIMARÃES, Mauro. *A dimensão ambiental na educação*. São Paulo: Papyrus, 2007.
- LAYRARGUES, P. P. Educação ambiental com compromisso social: o desafio na superação das desigualdades. In: CASTRO, C. F.; LAYRARGUES, P. P.; LOUREIRO, C. F. B. (org). *Repensar a educação ambiental: um olhar crítico*. São Paulo: Cortez, 2009.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. Natureza e sociedade: elementos para uma ética da sustentabilidade. In: QUINTAS, J. S. (org.). *Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente*. Brasília: IBAMA, 2002.
- QUINTAS, J. S. Educação no processo de gestão ambiental pública: a construção do ato pedagógico. In: CASTRO, C. F.; LAYRARGUES, P. P.; LOUREIRO, C. F. B. (org.). *Repensar a educação ambiental: um olhar crítico*. São Paulo: Cortez, 2009.
- RAMOS, G. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 1996
- REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. In: *Coleção Primeiros Passos*. São Paulo: 1994.
- ROSS, J. L. S. Análises e sínteses na abordagem geográfica da pesquisa par o planejamento ambiental. In: *Revista do Departamento de Geografia*. São Paulo: FFLCHUSP: 9: 65-75, 1995.





SCARPELLI, Marli F. Meio ambiente e Literatura. Revista eletrônica de estudos de literatura da UFMG. Belo Horizonte, ano 8, n. 15, 2007. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/publicacao002114.html. Acesso em 19/04/2011.

ZACARIAS, R. "Sociedade de consumo", ideologia do consumo e iniquidades socioambientais dos atuais padrões de produção e consumo. In: CASTRO, C. F.; LAYRARGUES, P. P.; LOUREIRO, C. F. B. (org.). Repensar a educação ambiental: um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2009.

ZANON, Ângela Maria. A utilização de obras literárias no ensino e no exercício da educação ambiental. In: VARGAS, Icléia Albuquerque et al. Educação ambiental: gotas de saber: reflexão e prática. Campo Grande: Oeste, 2006. p. 1-3. CD – ROM encartado – Parte 4: Reflexões e Prática.